

## ESPAÇO E MEMÓRIA NA CONSTRUÇÃO DO EROTISMO EM *AS PARCEIRAS*, DE LYA LUFT

Ronaldo Soares FARIAS (FAPEG)<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Goiás –Câmpus Catalão  
sfronaldo@gmail.com

**RESUMO:** Lya Luft, de forma intrigante, coloca em evidência a discussão da sexualidade de suas personagens. Para este trabalho analisamos, apenas, a trajetória erótica de Catarina e Anelise. O objetivo é perceber até que ponto a construção da sexualidade da avó Catarina interfere na sexualidade de Anelise, pois ao introduzir as lembranças do casamento desfeito com Tiago, Anelise evoca a história do casamento precoce da avó Catarina, obrigada a se casar aos 14 anos, com um marido grosseirão, que a leva a refugiar-se no sótão da casa. Para entender os motivos de fazer parte de uma família desagregada, Anelise vai buscar no passado algumas respostas para o seu infortúnio. Muitas dessas respostas estão no sótão do casarão onde morava a avó Catarina. Espaço (sótão) e memória serão os dois eixos que Anelise terá que confrontar para extrair, aos poucos, algumas respostas de que precisa para continuar sua vida e entender sua sexualidade. Para o desenvolvimento desse trabalho recorreremos as ideias de Bataille (2013) sobre a transgressão no casamento, as teorias de Bachelard (1989) sobre a importância do espaço na análise da obra literária, as considerações de Joël Candau (2012) sobre memória e identidade e Borges Filho (2007), com os estudos sobre a toponímia, entre outros autores.

**Palavras-Chave:** Erotismo; Espaço; Memória.

### 1. Introdução

Lya Luft nos apresenta no romance *As parceiras* (1980) uma série de tramas que se desenrola através da protagonista Anelise. O enredo se controla numa perspectiva de parceria entre as personagens femininas que vivem num mundo decadente e desagregado e Anelise, nesse cenário, tenta re (contar) a história dessa família para construir sua própria história. Anelise no decorrer dessa construção vai travar uma luta intensa com seus fantasmas interiores criados quando volta no passado para entender a história da avó Catarina. É um romance que permeia muitas reflexões nos possibilitando discutir várias questões ligadas ao seio familiar. Para este trabalho analisaremos, apenas, a trajetória erótica de Catarina e Anelise. O objetivo é perceber até que ponto a construção da sexualidade da avó Catarina interfere na sexualidade de Anelise, pois ao introduzir as lembranças do casamento desfeito com Tiago, Anelise evoca a história do casamento precoce da avó Catarina, obrigada a se casar aos 14 anos, com um marido grosseirão, que a leva a refugiar-se no sótão da casa.

Levaremos em consideração para esta análise a construção do espaço onde a avó de Catarina refugia-se quando foi obrigada a se casar aos 14 anos. A análise sobre o sótão foi discutido em um grupo de trabalho apresentado na JOPELIT (Jornada Poéticas do Espaço Literário) com o título: *Sótão: um espaço de desejo e desventuras*. A análise apresentada na Jornada fará parte de um capítulo deste artigo para retomarmos a discussão iniciada no evento analisando outras particularidades e acrescentando novas análises.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos da Linguagem, Câmpus Catalão, pela Universidade Federal de Catalão.

## 2. Iniciação da sexualidade de Anelise e Catarina

Catarina não teve a oportunidade de ter uma iniciação erótica satisfatória por ser obrigada a casar-se aos 14 anos. O que propomos aqui é fazer um recorte da situação em se encontrava Catarina diante da sua primeira experiência em relação a sexualidade e a partir do ponto de vista de Anelise observar como se dá a parceria entre ambas. As primeiras recordações de Anelise remetem ao primeiro encontro com a avó quando era pequena. Desse encontro o que Anelise lembra é “o aperto de mão [...] o contraste entre a sombra e a claridade do quarto, onde tudo era branco: paredes, cortinas, tapetes, móveis, até as rendas do vestido comprido de sua moradora” (LUFT, 2004, p. 12). Essa primeira lembrança é o fio condutor para que Anelise busque outras histórias da avó Catarina. Sabemos que não houve uma iniciação erótica satisfatória da avó Catarina porque “quando casou Catarina Von Sassen Mal começara a menstruar” (LUFT, 2004, p. 12). Foi obrigada pela mãe a se casar com um trintão experiente. Segundo Bataille “[...] a violação, operada pela primeira vez, numa mulher, desse interdito vago coloca o acasalamento sob o signo da vergonha” (BATAILLE, 2013, p. 134). Para Catarina a vergonha estava no ato brutal como foi despida pela primeira vez e sem nenhuma experiência com a sua sexualidade. Não houve uma iniciação erótica da avó Catarina, mas os percursos vividos por ela talvez ajude nas reflexões que Anelise terá que fazer para construir sua sexualidade. A primeira relação sexual da avó Catarina foi assim descrita por Anelise: “O destino foi zeloso: caçou-a pelos quartos do casarão, seguiu-a pelos corredores, ameaçou arrombar os banheiros chaveados como arrombava dia e noite o corpo imaturo” (LUFT, 2004 p. 13). Essa primeira experiência a fez refugiar-se no sótão, “alí ela construiu uma dimensão em que só cabiam os seus interlocutores invisíveis” (LUFT, 2004, p. 14). Esse recorte que retrata a primeira experiência erótica de Catarina servirá para nos conduzir no entendimento da construção da sexualidade de Anelise e buscaremos algumas reflexões para entender até que ponto a construção da sexualidade da avó Catarina interfere na sexualidade de Anelise.

Entre as reminiscências e as experiências que vive no presente, percebemos que Anelise, anuncia pela primeira vez, o que chamaremos aqui de uma iniciação erótica e que já começa por não dá certo:

Achei que Thiago me telefonasse, mas, pensando bem, não havia o que dizer. Que aceitava a separação, era lógico que estávamos mais que separados. Que pretendia voltar a brincar de irmão e irmã? Duvido. Que desejava tentar reacender o amor? Impossível, estamos tristes demais, meu querido. Ao menos, eu estou. Sexo triste não funciona, amor sem sexo vira coleguismo, e o nosso foi só coleguismo de sofrimento. (LUFT, 2004, p. 47).

A iniciação erótica de Anelise, como percebemos na citação acima, já nos fornece indícios que existe uma dificuldade de estabelecer um relacionamento estável. Anelise está, o tempo todo, ligada com a história da avó Catarina. Anelise afirma que “a peça mais importante sempre fora minha avó, que eu vira só uma vez só sótão branco recendendo a alfazema” (LUFT, 2004, p. 42). As duas citações que foram colocadas neste capítulo representam, apenas, os indícios de iniciação erótica das personagens. Outras passagens do romance vão continuar pontuando outras experiências das personagens Catarina e Anelise.

### 3. Espaço e Memória

Ao contar as histórias da família, constituída por mulheres, Anelise utiliza-se de certos mecanismos da memória para voltar o passado e (re) lembrar fatos e acontecimentos de uma família, que no presente, se encontra à beira do caos. Voltar nesse passado é mergulhar em situações tristes que marcaram a vida dessas mulheres que são representadas, no romance, pela avó Catarina, a tia beata, a tia anã, a amiga Adélia e sua irmã Vânia. Para que Anelise construa e monte o seu quebra-cabeça será necessário

a reapropriação do passado familiar [...] em uma lógica de diferenciação e automatização, essa reapropriação permite ao indivíduo elaborar e logo narrar sua própria história, que será confrontada com a de outros membros da família, assim como a norma coletiva familiar. (CANDAUI, 2012, p. 141).

Anelise narra as desventuras das mulheres de sua família, mas a peça fundamental do jogo está intimamente ligado a trajetória da avó Catarina. Anelise “estava mais interessada em recompor a vida que Catarina levava ali” (LUFT, 2004, p. 43). O advérbio de lugar “ali” nos remete ao espaço específico do sótão. Esse espaço tem uma representatividade muito forte no decorrer do romance e é esse espaço que fornecerá algumas pistas para que Anelise possa movimentar as peças do seu tabuleiro. Não nos deteremos, neste capítulo, em analisar o sótão porque será feito no capítulo seguinte.

Anelise “ao mesmo tempo em que constroi sua identidade pessoal por uma totalização provisória de seu passado [...] realiza, portanto, a aprendizagem da alteridade” (CANDAUI, 2012, p. 141) percorrendo os labirintos do passado da avó Catarina para construir sua identidade de mulher diante de uma sexualidade que aflora o tempo todo. No romance a protagonista Anelise intercala o passado com o presente. No passado ela busca o entendimento sobre os relacionamentos, principalmente da avó Catarina e a da irmã Vânia, que não deram certo. No presente Anelise tenta se distanciar dos problemas da família e viver a sexualidade de forma mais intensa. A primeira experiência mais concreta se dá nos seguinte trecho do romance:

Foi Otávio quem me deu o primeiro beijo na boca, me fez viver uma primeira, incompleta e assustadora experiência do sexo, me ajudou a enxergar outra vida além dos paredões sombrios daquela casa. (LUFT, 2004, p. 59).

As experiências de Anelise em relação a sua sexualidade é sempre marcada por parâmetros em relação ao outro, nesse caso, da avó Catarina. O passado está, de certa forma, impregnado nas suas ações no presente. Ela não consegue se desprender totalmente das amarras da família. Em vários momentos Anelise se coloca no lugar da avó Catarina: “Tentei abrir a porta de vidros para a sacada, **coloquei-me no lugar** onde tantas vezes, diziam, ela espiava o jardim por trás da vidraça ou da cortina transparente” (LUFT, 2004, p. 42, grifo nosso). Esse posicionamento de Anelise de estar no lugar do outro (avó Catarina) ajuda-a no entendimento da construção da sua sexualidade porque

de fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca

memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente. (CANDAU, 2012, p.19).

Como aponta Candau (2012), na citação anterior, o processo memorialístico é que vai reforçar e posicionar Anelise na sua trajetória em busca da construção do erotismo. É claro que a construção do erotismo da avó Catarina foi triste e deprimente, mas serve como parâmetro para que Anelise possa dar os seus primeiros passos para firmar sua identidade sexual. Percebemos que na primeira experiência erótica com Otávio, que poderia ter acontecido com autonomia, Anelise acaba remetendo aquele momento de puro prazer a episódios do passado que acaba anulando essa primeira experiência que podia ser prazerosa. Mas não é isso o que acontece. Nas experiências de Anelise sempre vai haver algo em que a protagonista vai se prender ou sentir a necessidade de mencionar para justificar sua sexualidade como fez quando descreveu sua primeira experiência com Otávio em que afirma que Otávio a fez enxergar outra vida além dos paredões sombrios daquela casa.

É exatamente na relação entre passado e presente que espaço e memória caminham juntos. O chalé sempre vai ser o ponto de referência das lembranças de Anelise:

Assim, essa espécie de existência contígua é tão patentemente visível que, para narrar sua própria história de vida, Anelise começa por narrar a vida de outra personagem, a antiga moradora do **Chalé**, sua avó Catarina, que ela vira uma única vez, mas que a fascinará pelo resto da vida. (CARRIJO, 2013, p. 42, grifo nosso).

O espaço do chalé, mais especificamente o sótão, será analisado com mais propriedade no capítulo seguinte a fim de mostrar as relações que existem entre o que aconteceu no sótão com a avó Catarina e o que esse fato pode ou não ajudar Anelise no seu percurso da construção da sua sexualidade.

#### **4. Sótão: um espaço de desejo e desventuras**

É no sótão que o espaço erótico da avó Catarina é revelado, através da memória, para Anelise. A experiência da avó em relação à sexualidade, aos 14 anos, causa medo do sexo e da vida. Nesse sentido é pertinente investigar como a relação espaço e erotismo se revela no sótão, um lugar sombrio e deprimente. É através dessa busca que Anelise tenta entender o seu infortúnio perante a vida.

Situar as personagens em um determinado espaço não é uma tarefa fácil, embora aos olhos do leitor, desatento, o espaço pouco tenha a contribuir com o enredo. Os estudos literários primaram em suas análises pelo tempo, ao invés do espaço, como sendo primordial para situar o enredo e as personagens. Ao analisar as obras literárias, os estudiosos, primavam o tempo como referência, ficando, assim, a análise dos espaços das obras literárias em segundo plano. Para comprovar a importância do espaço na análise literária, observaremos o espaço do sótão, do romance *As parceiras* (2004), de Lya Luft, reafirmando a importância desse espaço específico, as possibilidades de interpretação a partir dos objetos e das cores que compõem o sótão e o que eles podem representar em relação a personagem Catarina, moradora do sótão. Analisaremos até que ponto o sótão influencia na construção do erotismo de Catarina e como Anelise tomará essa construção do erotismo da Catarina para si.

##### **4.1 Terminologias espaciais**

A análise dos espaços é chamada, segundo Gaston Bachelard, de Topoanálise: “A topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos locais de nossa vida íntima” (BACHELARD, 1989, p. 28). O topoanalista, aquele que estuda o espaço na literatura, muitas vezes, recorrerá, também, a filosofia, a geografia, a sociologia, a história, para fundamentar as características e significados que o espaço assume nos romances. Outro termo utilizado nesta análise é a topofobia que consiste no estudo do espaço negativo para a personagem.

Observaremos que o espaço embora se apresente como topofóbico para Catarina, esta não consegue ou não quer está em outro espaço a não ser o sótão. Prefere refugia-se definitivamente até a sua morte.

#### **4.2 O espaço dos desejos**

É no sótão que o espaço erótico da avó Catarina é revelado, através da memória, para Anelise. Segundo Borges Filho (2007) cabe ao analista observar os objetos que compõe determinado espaço e observar as relações que esses objetos têm com as personagens e/ou narrador. Assim, descreveremos o quarto de Catarina:

[...] tudo era branco: paredes, cortinas, tapetes, móveis, até as rendas do vestido comprido da moradora. [...] Chamavam de sótão a esse quarto do terceiro piso do casarão, com um banheiro e a sacada. Combinava bem o nome: uma palavra triste e sozinha. (LUFT, 2004, p. 12).

Tomaremos para a nossa análise a relação entre o espaço, o sótão, a personagem, Catarina, e os objetos que a cercam. Começaremos pela importância que a cor branca representa. A cor branca domina o sótão, as paredes, as cortinas, os tapetes, os móveis, inclusive as roupas de Catarina. Nesse sentido, a simbologia da cor branca terá sua importância na análise do sótão. Segundo Yi-Fu Tuan (1980) *apud* Borges Filho (2007, p. 77), o branco representa o sêmen (união entre o homem e mulher). Foi ali, no sótão, que Catarina foi despida brutalmente pela primeira vez, o futuro marido “caçou-a pelos quartos do casarão, seguiu-a pelos corredores, ameaçou arrombar os banheiros chaveados como arrombava dia e noite o corpo imaturo” (LUFT, 2004, p. 13). Foi nesse episódio que o medo do sexo e da vida rondava Catarina. Quando existe somente o erotismo dos corpos, segundo Bataille (2013), sempre rondará algo de pesado, de sinistro. O marido de Catarina estava preocupado, apenas, em saciar sua vontade sexual. Sempre que queria satisfazer-se “dava um jeito de abrirem o sótão, e entre gritos e escândalos emprenhava Catarina outra vez” (LUFT, 2004, p. 14). Nessa relação não existia o que Bataille (2013) chama de erotismo dos corações, que é o erotismo que serve de introdução para qualquer relacionamento, caso houvesse, talvez teria sido mais fácil para Catarina. Não houve para Catarina a iniciação sexual, ainda era uma criança, quando teve que abandonar as suas bonecas para viver essa experiência perturbadora.

O branco, que inicialmente simbolizava a pureza de Catarina, agora simboliza o terror. A simbologia da morte, através da cor branca, será comentada na sessão a seguir.

#### **4.3 O espaço das desventuras**

A partir do momento que é possuída à força pelo marido, as desventuras de Catarina começam. Segundo Chevalier (2012), “o branco – candidus – é a cor do candidato, i.e.,

daquele que vai mudar de condição [...]” (CHEVALIER, p. 141), e é o que acontece com Catarina: da condição de virgem, aos 14 anos, agora uma mulher solitária. A questão da solidão já aparecia quando Anelise descreve o quarto da avó: “chamavam de sótão a esse quarto do terceiro piso do casarão, com um banheiro e a sacada. Combinava bem o nome: uma palavra **triste e sozinha**” (LUFT, 2004, p. 12, grifo nosso). Nessa citação já percebemos que a vida de Catarina não seria fácil e que seu destino já estava traçado: ficar só. Notem que a oposição entre “sombra” e “clareza”, também aparece no sótão. A cor branca, representada pela clareza, no sótão, agora é representada, após Catarina ser brutalmente despida, pela sombra, traduzindo-se num lugar sombrio e deprimente.

A sexualidade da avó Catarina não foi tranquila e nem poderia ser porque desde o início as coisas tomaram dimensões do medo e da incerteza. Quando Catarina casou-se, aos 14 anos, forçada pela bisavó de Anelise, mal tinha começado a menstruar. Não tinha experiência, a mãe deixaria para o genro, um trintão experiente, o papel de ensinar à menina o que fosse preciso. É interessante observar, segundo Carrijo, que ao

introduzir as lembranças que concernem ao seu casamento desfeito com Tiago, Anelise evoca a história do casamento precoce a que fora subjugada a avó Catarina, dada em casamento por via de um acordo travado entre a mãe e o futuro marido, o enlace matrimonial permitindo à mãe de Catarina voltar tranqüilamente para a Alemanha, terra natal. Catarina é desposada, aos quatorze anos, por um marido grosseirão, bruto e de uma lascívia insaciável, a lhe provocar um verdadeiro asco em relação ao sexo e a levá-la a refugiar-se no sótão da casa. (CARRIJO, 2009, p. 41).

O sótão, além de ser um lugar de opressão para Catarina, representa, também, para Anelise, os mesmos infortúnios: de ser mais uma mulher daquela família a se refugiar no sofrimento e na dor. Anelise

estava mais interessada em recompor a vida que Catarina levava ali. Quando teria começado a arrumar o sótão feito um quarto de menina? Por que teria se refugiado ali? O que pensaria sozinha anos e anos a fio? Com quem falava sempre, para quem eram aquelas famosas cartas, as misteriosas? Quem seriam seus fantasmas? (LUFT, 2004, p. 43).

No trecho acima percebemos que Anelise, ao investigar os motivos dos infortúnios da avó, acaba por entender que, também, estava fadada a percorrer o mesmo caminho das desventuras em relação a sexualidade, porque é através das memórias de Anelise que a parceria entre as duas se dá.

A cor branca, recorrente, no quarto de Catarina, acaba por contribuir para o desfecho da parceria entre Catarina e o sótão. Segundo Borges Filho “o branco também simboliza em algumas culturas do Oriente o luto e a morte. É a cor da lividez, da falta de sangue, da mortalha, dos espectros, das aparições” (2007, p. 79). A avó “com o tempo [...] foi perdendo a lucidez a intervalos cada vez menores. Por fim, baixou a penumbra definitiva” (LUFT, 2004, p. 17).

## Considerações Finais

Em relação a Catarina o sótão não contribuiu para que Catarina tivesse uma vida erótica satisfatória, pelo contrário, a fez reprimir suas vontades em relação a sua sexualidade. O marido, uma pessoa rude, não sabia ou não queria que Catarina aprendesse a ser uma mulher desejante. O sótão contribuiu para que Catarina não tivesse a oportunidade de construir sua sexualidade de forma tranquila ou conseguisse se sentir desejada.

Voltar no passado e entender a sexualidade reprimida da avó Catarina fez com Anelise entendesse melhor os motivos de ser mais uma mulher da família que não conseguiu ter uma sexualidade tranquila. A sexualidade de Anelise como a sexualidade da avó Catarina sempre estava sendo interrompida por algum acontecimento. Os abortos da avó Catarina e os sucessivos abortos de Anelise, quando tenta manter um relacionamento estável com Tiago, são apenas exemplos em que essa parceria com a avó se dá desde o início da narrativa. Percebemos que a construção da sexualidade da avó Catarina acabou interferindo na sexualidade de Anelise porque, como vimos no decorrer desta análise, a decisão de viver e vivenciar a vida que avó Catarina levava no sótão foi de Anelise.

O sótão representa, também para Anelise, as desventuras que entre uma busca e outra recaí sobre o mesmo abismo inicial: fazer parte de uma família de mulheres que não conseguem alcançar a sexualidade plena.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução Fernando Scheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à toponálise. São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CARRIJO, Silvana Augusto Barbosa. **Trama tão mesma e tão vária**: Gêneros, memória e imaginário na prosa literária de Lya Luft. 2009. 406 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras da UFG. Universidade Federal de Goiás, Goiás.

CARRIJO, Silvana Augusto Barbosa. **Trama tão mesma e tão vária**: Gêneros, memória e imaginário na prosa literária de Lya Luft. Curitiba: Prismas, 2013.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução Vera da Costa e Silva. 26 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

LUFT, Lya. **As parceiras**. 20. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.